

SÃO JOSÉ CAFASSO PROTECTOR ANUAL DE 2011



Caríssimos Confrades,

Tenho prazer em vos anunciar que, juntos às Missionárias da Consolata, teremos São José Cafasso como protector especial dos nossos dois Institutos para o ano 2011.

Não tenho dúvidas de que a escolha agrade a todos. José Cafasso, como sabemos, ocupa, por vontade expressa do Fundador, desde sempre, um lugar muito especial na nossa família missionária, a pontos de desde o princípio, lhe termos chamado “nosso tio”. Além disso, a 23 de Junho deste ano celebrámos o 150.º aniversário da sua santa morte, um evento que nos encontrou empenhados e de que tencionamos reviver por muito tempo a lembrança e a graça. Pareceu-nos mais que justo, por isso, confiar à sua protecção o próximo ano em que faremos o XII Capítulo Geral.

Nesta carta, tenciono propor-vos algumas reflexões sobre S. José Cafasso, mas do ponto de vista do Fundador. Ou seja: desejo fazer uma conversa de família: o “Pai” a falar-nos do “Tio”. Sabemos como o Fundador se integrou na espiritualidade de J. Cafasso. Ninguém melhor que o Fundador poderia falar-nos com competência sobre a santidade de J. Cafasso e voltar a apresentar-no-lo não só como protector mas também como modelo.

CONHECIMENTO PROGRESSIVO DO TIO

É mais que sabido que José Allamano fez, pessoalmente, uma descoberta gradual da santidade do tio. Só o vira uma vez, em Castelnuovo, quando era apenas uma criança de sete anos. Provavelmente aquele encontro só depois assumiu um significado especial para ele, uma espécie de presságio, de forma que, tendo voltado à terra natal em 1925, para as festas do novo beato, decidiu indicar o lugar exacto do quarto, dizendo: “aqui recebi a sua bênção”.

Na deposição para o processo canónico da beatificação de J. Cafasso, J. Allamano deteve-se a explicar como entrara gradualmente em sintonia espiritual com o tio: «Desde a meninice, ao ouvir falar tão bem dele em casa e junto dos concidadãos, do Servo de Deus como de um sacerdote modelo e caritativo, o admirei; esta admiração aumentou quando, estando já no Oratório Salesiano a fazer o Básico, ouvia-o a ser proposto como modelo por parte de Dom Bosco. A seguir, quando

já seminarista, com maior contacto com os padres da diocese, cresceu ainda mais a minha estima para com o Servo de Deus. E quando ordenado, já em 1873, tudo melhorou devido à maior comunicação com os padres, principalmente no Centro de Formação Pastoral onde eu ia ouvir as conferências – aprendi de facto a estimá-lo ainda mais» (1).

Tanta foi a estima que o Fundador teve pelo tio que não apenas se contentou em o conhecer e admirar por sua conta. Bem cedo pensou que seria um grande dom para a Igreja, e sobretudo para os seus confrades sacerdotes, difundir o conhecimento dele. Por conselho de Dom Bosco, e de outros bons sacerdotes, empenhou-se a recolher grande número de testemunhos. Nesse entusiasmo que sentia, teve a ousadia de começar a fazê-lo sozinho, embora não se considerasse escritor, redigindo uma biografia do tio. Mas depois de ter preenchido 33 folhas, desistiu, explicando, como razão principal, além dos muitos compromissos pastorais, o «sentir-se incapaz de exprimir a estima e a veneração que observava em todos os que o tinham conhecido» (2).

As iniciativas que o Fundador iniciou a favor de J. Cafasso não foram muitas. Basta recordá-las por alto para nos darmos conta de como dava importância ao projecto. Antes de mais, a exumação e a recomposição dos restos mortais (1891); depois a edição das meditações e instruções dos exercícios espirituais ao clero (1892-1893); as biografias escritas, a seu pedido, primeiro pelo Cónego Colombero (1895) e depois pelo Dr. Luigi Nicolis de Robilant (postumamente editada só em 1912); e por fim, a trasladação dos restos mortais do cemitério para o santuário da Consolata (1896). Mas a grande iniciativa que o ocupou para além de todas as expectativas foi a causa da beatificação, que começou a 16 de Fevereiro de 1895 no tribunal eclesiástico de Turim e foi transferida para Roma em 1899, da qual era oficialmente mandatário e na prática, o motor de toda e qualquer movimentação.

Perante tanto dinamismo, poderá sobrevir-nos uma pergunta: porque é que o Fundador se empenhou com tanta paixão e dispêndio de energia para promover o conhecimento da santidade do tio? Talvez ele próprio tenha feito essa pergunta a si mesmo, porque sentiu necessidade de fazer essa confidência com simplicidade aos nossos primeiros confrades numa conferência de Domingo: «Posso dizer que introduzi este processo não tanto por afecto ou força do parentesco, mas sim pelo bem que poderá produzir a elevação deste homem, para que os que lerem as suas virtudes se tornem bons padres, bons cristãos e vós bons missionários» (3). O Cónego N. Baravalle atestou que durante o debate da causa lhe ouviram dizer: «Eu, como parente, nem sequer deveria meter-me nisto, e não é este o espírito que me impele; só o faço como reitor do Centro, pelo que, tendo-lhe sucedido na doutrinação e na direcção do clero, é meu dever assinalar ao clero as virtudes e a santidade de J. Cafasso» (4). E o P. Domenico Ferrero, nas suas memórias, relata esta confidência feita pelo Fundador: «Ora! Se fosse só por ser meu parente, não teria feito tudo isto! É para dar glória a Deus; lancei-me a fazê-lo porque...claro, se não houver alguém à frente a interessar-se, estas coisas não avançam» (5).

J. ALLAMANO, UM “CAFASSO REDIVIVO”

Antes de propor a outros a figura de J. Cafasso como modelo, devemos reconhecer que o Fundador o propôs a si mesmo com eficácia. De facto, não é possível compreender completamente a personalidade espiritual de J. Allamano sem levar em conta esta sua profunda sintonia com o seu tio, a pontos de vários dos que ambos os conheceram o terem definido como um “Dom Cafasso redivivo”. Assim, por exemplo, o padre Edoardo Bosia, ao falar da actividade de José Allamano no Centro de Pastoral, declarou: «O Servo de Deus [...] conservou e imitou tanto o espírito de J. Cafasso que se lhe chamava Cafasso redivivo» (6). Note-se que este testemunho relata não só o seu modo de pensar mas também o de outros.

De facto, que o Fundador reflectisse em si a figura de Cafasso, já fora percebido por muitos. O próprio Papa Pio XI, na “Carta Congratulatória” pelo jubileu de ouro sacerdotal (1923) do nosso Pai, fez uma afirmação que poderia ter-se quase por reconhecimento oficial: «Em ti parece ter deixado um herdeiro do seu espírito o teu ilustre tio José Cafasso» (7). Também o Beato Luigi Boccardo, que viveu em contacto íntimo com o Fundador como Director Espiritual do Centro de Pastoral, não teve dúvidas em afirmar: «Poderia repetir-se sobre ele, quase à letra, aquilo que foi escrito sobre o seu bem-aventurado tio» (8).

Poderíamos continuar a relatar testemunhos semelhantes de louvor sobre J. Allamano, devemos confessá-lo também nós, mas limito-me a estas duas que tirei das cartas que lhe foram enviadas pelo seu 50.º aniversário de sacerdócio: «Herdeiro do espírito do seu tio, o Ven. Cafasso, V.R. desenvolveu o seu grandioso trabalho nos santos esconderijos da humildade» (9). «Todos nós nos uniremos à volta do seu Ven. Tio e lhe faremos serena violência para que interceda em seu favor com as oportunas graças. [...] para V.R. que no-lo faz lembrar na sua santa vida sacerdotal.

É desnecessário dizer que também nós nos unimos de boa mente a este coro de vozes, porque estamos mais convencidos que ninguém mais que o nosso Pai percorreu o caminho de José Cafasso. Mas ele pensava de modo diverso, certamente por humildade... O P. Domenico Ferrero revelou um pormenor que indica exactamente a atitude interior do Fundador perante o seu tio: «Por ocasião duma sessão festiva em honra do B. Cafasso, dissera-se de entre o mais que agora o Servo de Deus era o único herdeiro do seu sangue. Esta frase fez-lhe grande impressão, porque ao responder-nos na conclusão da sessão, com um tom cheio de convicção, ele disse entre o mais: «Ser herdeiro do seu sangue é, para mim, uma humilhação»» (11).

JOSÉ CAFASSO, MODELO PRIVILEGIADO DO FUNDADOR

Na carta circular de 14 de Julho de 1963, o P. Domingos Fiorina, então Superior Geral, fez uma afirmação de carácter geral que acho que todos partilhamos. Escreveu que «A doutrina do Pai se formou sobre o espírito de santidade sacerdotal do seu santo tio, São José Cafasso, amadurecida pelas graças e correspondência da sua alma sacerdotal» (12).

A esta afirmação gostaria de juntar duas especificações que me parecem esclarecedoras para nós. Antes de mais, o Fundador não se limitou a assumir e propor, repetindo tal e qual, o espírito de J. Cafasso, embora certas expressões do tio sejam repetidas quase à letra; ele personalizou-o, quer dizer, fê-lo próprio. Donde se conclui que J. Allamano percorreu uma linha de progresso independente, característico, embora muitas vezes inspirando-se no seu tio, que para ele era um modelo de primeira qualidade. Além disso, deu um passo em frente porque soube reinterpretar esse espírito na perspectiva da missão. De certo modo, podemos dizer que o Fundador adaptou o pensamento do tio, reeditando-o, na perspectiva da vocação dos seus filhos missionários. Estava convencido de que J. Cafasso podia falar e ser modelo não só dos padres diocesanos, mas também dos missionários.

Sabemos que J. Allamano, enquanto educado de padres e de missionários, valorizava muito a “pedagogia dos modelos”. Claro que o modelo por excelência era Jesus, depois N.ª Sr.ª e logo a seguir, São Paulo. Mas havia uma série de santos pelos quais o Fundador tinha uma predilecção especial e que frequentemente indicava como modelos de virtudes específicas: S. José, seu protector pessoal, pelo profundo amor que tinha a Jesus e a Maria; S. Francisco de Assis e S. Fiel de Sigmaringa pelo empenho extremo na missão; S. Inácio de Loyola pela obediência; S. Teresa de Ávila pela confiança, só para citar alguns. Por esta razão, o P. L. Sales, no livro “La Vita

Spirituale” redigiu o último capítulo sobre “Os nossos modelos”, em que faz uma listagem de nada menos que 15 santos que o Fundador citava com maior frequência. Mas nesta muito rica lista não aparece José Cafasso.

Por que será que J. Cafasso não é listado entre os modelos habitualmente propostos pelo Fundador? É uma pergunta mais que legítima. Creio que a resposta possa ser esta: o Fundador tanto se identificara com J. Cafasso que o considerava não como modelo de qualquer virtude característica mas de todas as virtudes sacerdotais e apostólicas. Basta ver quantas vezes o nome do “nosso Venerável”, ou de “Dom Cafasso” saiu da boca do Fundador quando falava, tanto em público como em privado, sobre os mais variados assuntos. Portanto, J. Cafasso não é um “modelo” mas simplesmente “o modelo” a que sempre se poderá recorrer. Se lermos as conferências aos padres do Centro de Pastoral, encontramos a mesma abundância de referências a J. Cafasso. Porém, as referências, quando nos fala a nós, possuem um timbre também missionário. Para me explicar em concreto apresento alguns exemplos, escolhendo de entre os muitos possíveis.

Rezar é uma necessidade

Começo com a “necessidade de rezar”, sobretudo para o missionário. Sabemos que esta era a primeira lembrança que o Fundador fazia aos que partiam. Pois bem, se prestarmos atenção, notaremos que as suas afirmações mais fortes estavam habitualmente ligadas a expressões de J. Cafasso. Por exemplo: “O nosso Ven. Cafasso dizia do sacerdote, e com maior razão do missionário, que devia ser homem de oração» (13). Na verdade, J. Cafasso, tinha usado uma expressão bastante curiosa, afirmando que a oração deve ser a “profissão” do sacerdote. O Fundador ousa ter uma igreja ao modo das expressões do tio: «As palavras são um tanto materiais, mas como se costuma dizer que um homem tem uma certa profissão, também podemos dizer o mesmo para exprimir a necessidade que o sacerdote tem de rezar... Se amarmos a oração, nunca mais a deixamos. [...] Se um padre não faz muita oração, não é padre verdadeiro. E um missionário? Que esperais que faça alguém que nem sequer conhece o instrumento que o ajuda a manter-se unido com Deus?» (14).

E ao tratar da necessidade de não se deixar embrulhar em ocupações com prejuízo da oração, o Fundador apoiava-se na autoridade do tio: “O Ven. Cafasso dizia: fazem-me pena os padres que têm trabalho de mais... Se se rezar mais, estudar-se-á mais depressa... [...]. O Ven. Cafasso dizia: a profissão das pessoas consagradas a Deus é rezar. É preciso que sejamos pessoas de oração, que enderecemos a Deus tudo o que fazemos» (15) E ainda «Perguntai ao Venerável se alguma vez omitiu o Breviário, o terço, a meditação, por ter muito que fazer! Se não tinha tempo de dia, fazia-o de noite. [...] Em suma, é tão fácil trocar as coisas: antes de mais, fazermo-nos santos nós, [...] e não só trabalhar, trabalhar e trabalhar» (16).

Amor a Maria é uma devoção indispensável

A “piedade mariana” pode ser um segundo exemplo ilustrativo do recurso habitual do Fundador ao espírito de J. Cafasso. Ao falar às pessoas, J. Cafasso fazia esta pergunta: «Quem é Maria? Ora, deixai que vo-lo diga com toda a alegria do meu coração: Maria é a nossa querida mãe, a nossa consolação, a nossa esperança» (17). E o Fundador desenvolvia a sua ideia desta forma: «Tal como Dom Cafasso dizia frequentemente, especialmente no confessional “Recordai-vos de que também tendes uma segunda mãe, Maria, que vos ama muito mais que a primeira – entendendo-se que não lhe rouba o lugar, claro!” [...] Numa mãe tem-se confiança e ama-se-a» (18).

Para Dom Cafasso o amor a Maria é pressuposto indispensável para crescer na santidade: «À medida que for aumentando (no sacerdote) este amor, esta devoção, também crescerá ao mesmo tempo o cabedal das outras virtudes, desligar-se-á mais da terra, será mais zeloso, mais paciente,

mais humilde e mais puro. E assim, quando aconteça ouvir falar de um padre que seja devoto de Maria, não procureis outro, pois podeis ter a certeza de que não poderá senão ser bom e talvez de bondade descomum» (19). E o Fundador exprimia-se em termos análogos: «Ninguém se faz santo se não for devoto de Maria. Todos os cristãos que queiram viver uma vida cristã boa devem ser devotos de Maria e todos os santos o foram desde os primeiros séculos. Tanto mais os religiosos. Este é o carácter distintivo de todos os santos. Lede todas as suas vidas. E esta devoção serve não só para viver como bons cristãos, mas serve também para subir à perfeição» (20). «Antes de mais, façamos todas as nossas acções em união com Maria Santíssima. O Ven. Cafasso dizia que N.^a Sr.^a tem que ser nossa sócia em tudo. Nossa sócia em tudo! Tomemo-la também como modelo de todas as nossas acções; o que significa fazer tudo com Maria: tomá-la por sócia e modelo» (21).

E ainda: «Dom Cafasso dizia aos seus sacerdotes: quando fordes pregar, associai-vos a N.^a Sr.^a. Ide pregar ambos e dizei assim: eu serei a voz e tu pregarás o sermão. Ele dizia que N.^a Sr.^a era a sua sócia. Faziam tudo conjuntamente...dizia que o ajudava a fazer o bem. Obtinha essa graça para que o sermão se gravasse nas almas. Eu na verdade queria tirar esta palavra “sócia”, no entanto ele disse-a» (22).

Amor de Deus – um amor de união

Apraz-me apresentar um terceiro exemplo capaz de ilustrar a profunda comunhão de espírito entre o tio e o sobrinho. José Cafasso, durante os exercícios espirituais que pregava aos padres, ditou algumas meditações muito ricas sobre o “amor de Deus”. José Allamano era entusiasta delas e apontava-as como preciosas fontes de inspiração: «O Ven. Cafasso, na pregação sobre o amor de Deus, apresenta tantas marcas a seu respeito e entre algumas diz ...vede, há uma página, ide lê-la...Aquele homem sim que percebia do assunto!» (23). «Lede aquele pedacinho das Meditações do nosso Ven. Cafasso, a do amor de Deus, em que fala da conformidade com a vontade de Deus. Aquele pedacinho vale um Peru» (24).

Dom Cafasso falava de “amor penitente”, e explicava: «Uma alma, um coração, que ame, naturalmente e quase necessariamente, deve chorar pelo tempo em que não amou» (25). O Fundador ficava impressionado e comentava: «Quando vejo as orações do Padre Cafasso, que era um anjo incarnado, e no entanto pede sempre perdão pelos seus pecados da vida passada, nas suas orações... Que pecados podia ele ter? Dom Bosco dizia que segundo ele nem sequer teria pecado original. No entanto, ao ouvi-lo falar parecia ser um “pecadorzão”. Os santos vêem as pequenas falhas como se fossem coisas gravíssimas» (26).

Porém, tanto José Cafasso como José Allamano se detiveram mais sobre aquilo que chamavam de “amor de união” por exprimir bem a sua experiência pessoal. Assim dizia Dom Cafasso: «Felizes de nós se conseguíssemos lançar o nosso coração dentro do de Deus de tal forma que uníssemos tanto os nossos desejos, a nossa vontade à sua – até fazer um só coração e uma só vontade: querer aquilo que Deus quer. Querê-lo no modo, tempo e circunstâncias que ele quer e querer tudo isto senão porque assim Deus o quer» (27).

E temos a mesma maravilhosa sinfonia nas palavras do Fundador: «Uniformizemo-nos com a vontade de Deus não só em geral, mas nas circunstâncias: nem um fio, nem uma só palavra, nem uma única acção que não seja para vós [meu Deus]. Aquela linda oração de Dom Cafasso merece atenção: «Não quero outra coisa senão a vossa vontade. Longe de mim qualquer outra finalidade que não seja vós...ou que seja tão estúpido que lançasse ao vento todas as canseiras...». Lede essa oração...É de ouro! Pois, se se disser com o coração!» (28). E ainda: «O nosso Ven. Cafasso dizia que a conformidade com a vontade de Deus é acto de amor de Deus» (29). «Deus é ciumento dos nossos corações. Arranquemos estes fios; se não soubermos fazê-lo por amor, arranquemo-los à força. O Ven. Cafasso dizia a Deus: fazei com que eu encontre o desapego onde sinto maior afecto;

fazei que encontre humilhação onde procuro a glória; fazei que eu seja só para vós» (30). E por fim: «O nosso Venerável escreveu: união de vontade com a de Deus equivale a dizer: querer o que Deus quer, naquela maneira, tempo e circunstâncias que Ele quer, e tudo isto querê-lo senão porque assim Deus o quer» (31).

Creio que tudo o que aqui for recordado seja suficiente para ilustrar a plena sintonia que existia entre José Allamano e José Cafasso. Quem falava do nosso Fundador como de um “Cafasso redivivo” não estava a exagerar. As reflexões que propus sobre alguns aspectos poderíamos continuá-las sobre outros, por exemplo, sobre a virtude da esperança, sobre a modéstia, etc. Certamente que seria um trabalho agradável, além de útil, que poderemos fazer pessoalmente ou em comunidade, durante o ano que vem, em que José Cafasso estará especialmente perto de nós como “Protector Especial” e também como “modelo”.

Há ainda uma dimensão da espiritualidade do Fundador que foi herdada de forma evidente de Dom Cafasso e que preferi deixar para o fim, para lhe dar maior desenvolvimento. Basta ler o título para compreender a razão desta preferência.

«FAZER BEM O BEM, SEM BARULHO»

É este o caminho da santidade missionária que o Fundador nos apresentou com especial intensidade. Podemos até defini-lo como a “alma” da sua proposta. Não é preciso referir as suas palavras tais quais, porque as sabemos de cor. Vou limitar-me a apontar que já em 1902 o nosso Pai falava claramente sobre este assunto: «A forma que deveis assumir no Instituto é a que o Senhor me inspirou e inspira e eu, atónito com a minha responsabilidade, quero absolutamente que o Instituto se aperfeiçoe e viva uma vida perfeita. Estou consciente que é preciso fazer bem o bem; senão, entre as minhas tantas ocupações, não teria assumido mais esta pesada carga da fundação de um Instituto tão importante» (32). Tenhamos presente este detalhe: o Instituto acabava de ser fundado e a comunidade ainda era pequeníssima. Todavia, já então a palavra de ordem era: “O bem deve ser feito bem”. Naquele período, o Fundador já tinha amadurecido por sua conta na espiritualidade do tio e, talvez sem dar por ela, vinha-lhe espontâneo referir-se a ela quando tinha alguma sugestão importante a dar.

Ao propor este caminho de perfeição, o Fundador deu-se conta de estar a repisar as pegadas do seu tio. E disse-o explicitamente quase que para dar uma garantia às suas afirmações: «Os meus anos já são poucos, mas mesmo que fossem muitos, quero gastá-los a fazer o bem e a fazê-lo bem; eu tenho a mesma ideia do Ven. Dom Cafasso, de que o bem se deve fazer bem e sem barulho» (33). Como se vê, trata-se de um princípio linear, completado por dois esclarecimentos essenciais: “fazer bem o bem”, mas “com constância”, e “sem barulho”.

“Fazer bem o bem”

Isto é o princípio ascético. É uma meditação de Dom Cafasso, reservada para o último dia dos exercícios espirituais dos sacerdotes, com o título “Sobre as ocupações diárias” que em essência trata deste tema. O Fundador valorizou-a muito e também sugeriu a sua leitura integral. Vou relatar um ou outro trecho, sem modificar o estilo da linguagem próprio de José Cafasso, para não tirar nada à sua vivacidade: «[...]poucos de nós são chamados a actos extraordinários, e mesmo quando chamados, estas coisas extraordinárias e raras, não podem dar o carácter e formar o tecido da nossa vida; e de que serviria finalmente fazer bem e perfeitamente uma obra de si heróica se, uma vez ida, fizésssemos todas as demais de forma medíocre? Suponhamos que alguém seja chamado por Deus a deixar a pátria, os parentes, as posses, o emprego, a comodidade...para se retirar num mosteiro ou ir para as missões estrangeiras. Seria um sacrifício grande,

extraordinário, heróico, sem dúvida; não o podemos negar. E fá-lo alegremente, prontamente com toda a virtude possível. Mas se depois disto tudo fizesse de forma medíocre as acções normais da sua carreira, poderá dizer-se que é um padre verdadeiramente santo e perfeito? Por certo que não. [...]

Quem aspira a ser um sacerdote santo e perfeito não pense em fazer coisas grandes e extraordinárias; antes, sejam elas coisas grandes ou pequenas, pense apenas em fazê-las bem e só com isso será perfeito. [...] Portanto obras de zelo, de glória de Deus e de salvação das almas, obras comuns, ordinárias. Digo “comuns” não que sejam tais por natureza, visto que a coisa mais pequena se torna máxima quando é dirigida para aquele fim, mas chamo-lhes comuns para fazer entender aquelas que diariamente nos ficam à mão de semear»(34).

Creio que este é o texto que exprime a mentalidade de Dom Cafasso melhor que qualquer outro e ao qual o Fundador se refere. Cada missionário é chamado a agir assim em todas as circunstâncias e em qualquer missão que se encontre, bem como em qualquer situação de idade, forças e saúde.

Por esta altura é preciso juntar um aspecto sem o qual o debate ficaria incompleto. Também sobre “o bem feito bem” o Fundador aponta Jesus como modelo, referindo-se ao texto de Marcos 7,37 que habitualmente referia em latim: “Bene omnia fecit! – fez tudo bem». Pois bem, também esta inspiração o nosso Pai a foi buscar ao tio. Eis as palavras de Dom Cafasso: «[...] porém não julgemos que baste para ser verdadeiro sacerdote passar todos os nossos dias em tais acções; eu diria que seria menos; o melhor, quero dizer, o todo, está em fazê-las bem, de modo que de um sacerdote se possa dizer, proporcionalmente, o que se dizia do Filho de Deus, em Marcos, cap. 7, que “fez tudo bem”» (35). E mais adiante: «No nosso ministério nós representamos a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Operamos por ele e em sua vez. [...] de forma que ao verem um sacerdote possam dizer: eis um outro salvador, um outro Redentor do mundo, eis um outro Jesus Cristo, porque foi destinado, enviado, a fazer aquilo que Jesus fazia» (36).

Analogamente se pode dizer o mesmo também do missionário.

“Fazer o bem com constância”

Eis-nos chegados à primeira especificação: o bem faz-se bem mas “com constância”, ou seja, “sempre”. Já o apontámos mais acima na doutrina de Dom Cafasso. A constância era o que o Fundador mais apreciava no seu tio: «O heroísmo da sua virtude consiste na constância. O heroísmo não está nos milagres, mas em fazer violência a si mesmo, em estar sempre firme no querer bem, no não perder tempo: isto é coisa que nos pertence. Eu admiro cada vez mais a vida deste homem porque não andou aos saltos, andou sempre a direito: o seu caminho era aquele e... foi sempre em frente; e foi toda a vida assim. Sempre com a mesma fé, o mesmo amor de Deus e do próximo; sempre prudente, sempre justo, sempre temperado...nada lhe falta [...]; ele andava sempre em frente; fazia sempre tudo bem» (37).

“Fazer o bem sem barulho”

É uma segunda especificação a adicionar: o bem faz-se bem, com constância, mas “sem barulho”, ou seja com humildade, no escondimento. Dom Cafasso tinha convicções muito claras: «Eis a maneira de ocupar o dia pelos bons sacerdotes: nada de extraordinário e de barulhento. Um padre pode passar muito tempo e até toda a sua vida em ministérios que o mundo quase nem dê pela sua existência, pelo menos sem que as pessoas façam elogios e gestos de admiração; e este é um pensamento que deve trazer consolação. [...] Há santos bastante grandes diante de Deus. [...] cuja vida está escondida e foi obscura, cujas acções nada tiveram de barulhento e de admirável, que nem sequer o mundo falou deles. Eram grandes pela sua santidade mas toda a sua santidade se restringia a coisas pequenas. Eram grandes na humildade e essa sua humildade levava-os a sempre escolherem os mais baixos cargos e as acções mais humildes» (38).

Conhecemos bem as ideias do Fundador sobre este aspecto. Estava em sintonia total com o tio. E a nós ensinou-nos a ser humildes como indivíduos e como Instituto. O Fundador é nosso mestre mais com a vida que com as palavras. Tenho o prazer de relatar um testemunho muito relevante do Cónego N. Baravalle, que assim descreveu a transladação da urna com o corpo do Beato Cafasso do Centro de Pastoral para o santuário, antes da beatificação: «Presidia o Arcebispo, na companhia de bastantes bispos. O Cón. Allamano era o parente mais próximo do Beato, e promotor da sua causa., superior do santuário e do Centro, de forma que era de esperar ver avançar o Servo de Deus em toda a glória e circunstância com as suas divisas canónicas, com lugar bem distinto. Pelo contrário, o Servo de Deus veio connosco do santuário atrás das relíquias só com a batina, trazendo uma tocha acesa. Via-se que sofria, estava comovido e exultante, mas nada dessa santa alegria transparecia. Arrastava-se com tanta dificuldade que, a certo ponto, teve de se apoiar à tocha que levava e eu temia que desfalecesse. Ao chegar ao santuário, não recebeu um lugar de distinção: eclipsou-se e só reapareceu no final da cerimónia, para agradecer às entidades que tinham intervindo nela. Assim era afinal a sua maneira, a de sempre se esconder» (39) Notem-se bem as últimas palaras: a personalidade do nosso Pai era esta e ele queria trasmitir-no-la.

Antes de terminar este ponto, gostaria de fazer notar que Dom Cafasso e J. Allamano não se contentaram com fazer enunciação de um princípio teórico. Explicaram o que significa, em concreto, “fazer bem o bem”. Assim se exprimia o Fundador: «Ao servo, diz o mesmo Venerável, não basta que sirva o seu patrão, deve servi-lo sem excepções e de modo a contentá-lo plenamente, isto é, com prontidão, com exactidão e com a finalidade de lhe agradecer» (40).

E noutra ocasião: «Qual é o modo, os meios de fazer tudo bem? Vejamos os pensamentos do Ven. Cafasso para bem passar o dia. E se se passar bem o dia, também se passam bem as semanas, os meses e os anos» (41). O Fundador incarnou as sugestões de Dom Cafasso propondo-os e comentando-os um a um em vistas da missão. São quatro: «Fazer tudo como o faria Nosso Senhor Jesus Cristo; do modo como quereríamos tê-lo feito quando nos forem pedidas contas no tribunal de Deus; como se fosse a última coisa da nossa vida e não houvesse outra a fazer» (42).

CONCLUSÃO

Neste específico momento histórico tão complexo e tão difícil também para o nosso Instituto, somos convidados a acolher a mensagem de “esperança” cristã que Dom Cafasso e o Fundador nos apresentam. Bem sabemos quanto o Fundador admirava este particular dote do seu tio. Dizia ele: «O nosso Venerável tinha tanta esperança, característica sua, que a infundia até nas almas desesperadas» (43). “Tinha confiança para si e para os outros” (44). Não se tratava só de esperança na misericórdia de Deus, que perdoa a quem a ele recorre, mas também de confiança na Providência que guia a Igreja e a ajuda a superar todas as suas dificuldades internas e externas.

Em plena sintonia com o seu tio, o nosso Pai quis transmitir-nos esta virtude, para que fôssemos um Instituto de missionários corajosos e fortes, que não se desmoralizam perante as dificuldades e que olham para o futuro com confiança: «Nunca se espera de mais, porque a confiança em Deus não tira, antes, aumenta o bem que se faz. E por isso, por que não confiar em Deus? Deus pode e quer ajudar-nos mas quer que nos despojemos de nós mesmos» (45). E ainda: «Esperar para agradecer a Deus! Nunca ter medo de ter demasiada [confiança]» (46). As palavras do salmo 125 (124) «Quem confia no Senhor é como o monte Sião; não vacila, é estável para sempre» (47) eram como um lema que o Fundador repetia aos seus filhos em vistas da missão.

No ano em que fazemos o nosso XII Capítulo Geral, tem grande valor tê-lo como modelo e intercessor especial, especialmente por causa do seu amor à Igreja, da sua formação de pastores, da

sua santidade manifestada particularmente no amor para com os pobres de todas as categorias. Que ele nos ajude nas nossas orações a confiar no Senhor e na acção da sua graça neste acontecimento tão importante para a nossa família missionária.

Penso que a melhor maneira de concluir esta carta seja dar uma vez mais a palavra ao Fundador. Ele nos repete, hoje, aquilo que escrevera aos missionários e às missionárias a 11 de Maio de 1925, logo apenas voltara de Roma para a canonização do tio: «o Beato José Cafasso é padroeiro do Centro de Pastoral de que foi co-fundador, o fulgor e o modelo das almas piedosas, principalmente das eclesíasticas; mas também é nosso Protector especial e , como dizeis, “vosso tio” – como tal devendo vós honrá-lo e imitar as suas virtudes. Ele, lá no céu, será vosso poderoso intercessor em todas as vossas necessidades; ele que era tão zeloso pela salvação das almas, vos ajudará no trabalho das Santas Missões. [...] Eu penso que, com isto vos encontrei um grande meio de perfeição e de ter em parte cumprido a minha missão a vosso respeito».

Agora o Fundador, lá do céu, juntamente com J. Cafasso, indicam-nos um caminho de desenvolvimento espiritual, de desenvolvimento da nossa família missionária e de empenho apostólico, ajudando-nos a percorrê-lo, seguindo o seu espírito, sempre actual como Missionários da Consolata autênticos.

REFERÊNCIAS

- (1) Deposizione al processo del Cafasso, Archivio del Santuario della Consolata
- (2) Deposizione al processo del Cafasso, Archivio del Santuario della Consolata
- (3) Conferenze IMC, I, 192
- (4) N. Baravalle, Testimonianza, Archivio IMC
- (5) D. Ferrero, “Ricordi del Ven.mo Padre”, Archivio IMC
- (6) E. Bosia, Deposizione al processo dell’Allamano, I, 71, Archivio IMC
- (7) Lettere, IX,2, 163
- (8) S. Solero, Discorso commemorativo in occasione della traslazione della salma dell’Allamano, Archivio IMC
- (9) Card. Laurenti, lettera del 22 Agosto 1925, cf. Don B. Matta, lettera del 16 settembre 1925, Archivio IMC
- (10) Card. Bisleti, lettera del 26 Luglio 1923, Archivio IMC
- (11) Deposizione al processo dell’Allamano, IV, 194, Archivio IM
- (12) D. Fiorina, Lettera Circolare in “Bollettino Ufficiale” 27, p. 53
- (13) Conferenze IMC, II,417
- (14) Conferenze IMC, II, 417-418
- (15) Conferenze SMC, I, 231
- (16) Conferenze IMC, II, 608
- (17) Pier Angelo Gramaglia (a cura), Giuseppe Cafasso, *Missioni al popolo, Meditazioni*, Effeta Editrice, Cantalupa, TO, 2002, p. 271.
- (18) Conferenze IM, I, 397
- (19) S. Giuseppe Cafasso, *Esercizi Spirituali al Clero*, Ed. Paoline, Alba, 1955, p. 572
- (20) Conferenze SMC, II, 271
- (21) Conferenze IMC, II, 594
- (22) Conferenze SMC, II, 204
- (23) Conferenze IMC, III, 256
- (24) Conferenze SMC, II, 412
- (25) Lúcio Casto (a cura) Giuseppe Cafasso, *Esercizi Spirituali per il Clero*, cit. p. 648
- (26) Conferenze IMC, III, 128
- (27) Lúcio Casto, op. cit. p.656
- (28) Conferenze IMC, 10
- (29) Conferenze SMC, II, 410

- (30) Conferenze SMC, II, 545
- (31) Conferenze IMC, III, 254
- (32) Conferenze IMC, I, 15
- (33) Conferenze IMC, I, 116
- (34) Lúcio Casto (a cura), Giuseppe Cafasso, *Esercizi Spirituali per il Clero, Meditazioni*, Effetta Ed. Cantalupa (TO), 2003, p. 684-686
- (35) Lúcio Casto, (a cura), op. cit. p. 687
- (36) Lúcio Casto, (a cura), op.cit. p. 693
- (37) Conferenze SMC, III, 216
- (38) Lúcio Casto, (a cura), op. cit , p. 686-697
- (39) Deposizione al processo dell'Allamno, IV, 113-114
- (40) Conferenze IMC, II, 669
- (41) Luigi Nicoli di Robilant, S. *Giuseppe Cafasso*, ed. Santuário della Consolata, Torino, 1960, p. 787
- (42) Conferenze IMC, II, 337; cf. Anche II, 156; III, 188
- (43) Conferenze IMC, III, 530
- (44) Conferenze IMC, II, 157
- (45) Conferenze SMC, III, 448
- (46) Conferenze IMC, I, 456; cf. Conferenze SMC, III, 440-447

P. Aquiléo Fiorentini, IMC
Padre Geral

Roma, 24 de Outubro de 2010-11-02
Dia Mundial das Missões